

O TESTE AT-9 NA ESCOLA: CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES ACERCA DO UNIVERSO DA ANGÚSTIA

Adrian Alvarez Estrada¹

RESUMO: O presente artigo tem por objetivo explicitar o arquétipo teste nove elementos (AT-9). Para tanto, é necessário apresentar um panorama acerca da Teoria Geral do Imaginário, de Gilbert Durand. Para vislumbrar esses aspectos, utilizamos como referencial de pesquisa o estudo de caso realizado no Externato José Bonifácio, escola representativa da comunidade armênia, localizada na cidade de São Paulo. Através da aplicação do AT-9 num grupo de alunos podemos concluir que, no Externato José Bonifácio existem duas matrizes culturais: a tradição e a modernidade.

PALAVRAS-CHAVE: Antropologia do Imaginário; Antropologia da Complexidade; Culturanálise de Grupos; AT-9.

ABSTRACT: This article aims at explaining the archetypal test elements (AT-9). To do so, it is necessary to present a quick overview about the General Theory of the Imaginary by Gilbert Durand. In order to notice these aspects, we used as a research pattern the case study carried out at the Externato José Bonifácio, a representative school of the Armenian community, located in the city of São Paulo. By applying the AT-9 with a group of students, we can conclude that at the Externato José Bonifácio there are two cultural matrixes: tradition and modernity.

KEY WORDS: Anthropology of the Imaginary; Anthropology of the Complexity; Culture Analysis of Groups; AT-9.

1. INTRODUÇÃO

Ao falarmos em universo da angústia é necessário que façamos, preliminarmente, um estudo sobre o imaginário. O imaginário não é ainda um conceito amplamente aceito no campo das ciências sociais, que não reconhece o seu valor heurístico, e não é objetivo deste estudo tratar das semelhanças e diferenças das inúmeras definições de imaginário. Vejamos inicialmente em que consiste o imaginário. Para Durand²

¹ Mestre em Educação pela USP; Doutorando em Educação pela USP; Membro-pesquisador do Centro de Estudos de Antropologia do Imaginário, Culturanálise de Grupos e Educação da USP; Coordenador do Curso de Pedagogia da UNIPAR/Cascavel.

² A base teórica do imaginário encontra-se em DURAND, G. *As estruturas antropológicas do imaginário*. São Paulo: Martins Fontes, 1997

o estudo do imaginário permite a compreensão dos dinamismos que regulam a vida social e suas manifestações culturais. O imaginário consiste-se do capital inconsciente dos gestos do *sapiens*, mas é também o conjunto de imagens e de relações de imagens que constituem o capital pensado do *homo sapiens* e o universo das configurações simbólicas e organizacionais. Está, pois, subjacente aos modos de pensar, sentir e agir de indivíduos, culturas e sociedades³.

O imaginário produz-se no “trajeto antropológico”, que consiste na troca incessante entre as pulsões subjetivas e assimiladoras e as pressões objetivas e emergentes do meio cósmico e social, mediada pelo processo de simbolização. Para Paula Carvalho a própria noção de símbolo dá conta dessa articulação, na medida que une a invariância do arquétipo à variação das imagens. Ainda segundo Paula Carvalho, a língua alemã expressa de modo preciso esse caráter do símbolo, visto que *sinn* (sentido) correspondendo às variações das configurações sócio-culturais e *bild* (forma) à invariância arquetipal⁴. Sintetizando, o imaginário é produto da articulação entre o bio-psíquico e o sócio-cultural, cuja sutura epistemológica é realizada pelo símbolo, que é sempre constituído por um elemento arquetípico e um elemento ideativo.

O imaginário se expressa em sistemas e práticas simbólicas, isto é, em produções imaginárias como o mito⁵, os ritos, a linguagem, a magia, a arte, a religião, a ciência, a ideologia, as formas de organização e as demais atividades e criações humanas, cuja principal função é encontrar modos de enfrentar a angústia original decorrente da consciência do Tempo e da Morte.

Gilbert Durand propõe uma teoria acerca deste enfrentamento: o homem cria imagens nefastas que representam as faces do tempo e da morte, expressas nos símbolos de animalidade agressiva (teriomorfos), das trevas terrificantes (nictomorfos) e da queda assustadora (catamorfos). Os símbolos estão relacionados com a impossibilidade de distinguir e controlar os pe-

³ PORTO, M.R.S. *Imaginário e cultura: escorrências na educação*. PORTO, TEIXEIRA, SANTOS & BANDEIRA (orgs). *Tessituras do imaginário: cultura e educação*. São Paulo: Plêiade, 2001, p. 20-21.

⁴ PAULA CARVALHO, J.C. de. *Da arquetipologia do imaginário à sua formulação experimental através do AT-9: Sete estudos*. São Paulo: FEUSP, 1992, p. 4

⁵ “Entenderemos por mito um sistema dinâmico de símbolos, arquétipos e esquemas, sistema dinâmico que, sob o impulso de um esquema, tende a compor-se em narrativa. O mito já é um esboço de racionalização, dado que utiliza o fio do discurso, no qual os símbolos se resolvem em palavras e os arquétipos em idéias. O mito explicita um esquema ou grupo de esquemas”. Cf. DURAND, G., op. cit., p. 62-63.

rigos para se proteger. Para enfrentá-los, desenvolve duas atitudes imaginativas padrões, que correspondem a dois regimes de imagens – regime diurno e regime noturno –, e três dominantes reflexas ou estruturas antropológicas – a heróica, a mística e a sintética.

O Regime Diurno “tem a ver com a dominante postural, a tecnologia das armas, a sociologia do soberano mago e guerreiro, os rituais da elevação e da purificação”⁶. O enfrentamento do “monstro devorador”⁷ ocorre através do combate ou da fuga, evidenciando a fase trágica do tempo e da morte. Apresenta como princípios lógicos de explicação e justificação a exclusão, a contradição e a identidade. Corresponde à estrutura heróica, que tem como noção básica a potência.

Já o Regime Noturno “subdivide-se nas dominantes digestiva e cíclica, a primeira subsumindo as técnicas do continente e do habitat, os valores alimentares e digestivos, a sociologia matriarcal e alimentadora, a segunda agrupando as técnicas do ciclo, do calendário agrícola e da indústria têxtil, os símbolos naturais ou artificiais do retorno, os mitos e os dramas astrobio-lógicos”⁸. No regime noturno encontram-se duas estruturas: a mística (cuja fase trágica do tempo é minimizada ou eufemizada pela negação) e a sintética, que pretende uma harmonização dos contrários.

Yves Durand propõe o AT.9 – arquétipo teste nove elementos sobre o qual passaremos a detalhar.

2. O TESTE AT.9

Não faremos aqui um estudo exaustivo do AT.9, frente a toda a bibliografia já existente sobre o tema⁹. Entretanto, é necessário marcar alguns pontos que norteiam as análises que serão feitas posteriormente:

⁶ DURAND, G., op. cit., p. 58

⁷ Como veremos adiante, o monstro devorador é um dos arquétipos fundamentais no AT-9 (arquétipo teste nove elementos), que é a formulação experimental da Teoria Geral do Imaginário de Gilbert Durand.

⁸ DURAND, G., op. cit., p. 58

⁹ DURAND, Y. *L'exploration de l'imaginaire*. Paris, L'espace bleu, 1988.

PAULA CARVALHO, J.C. de. *Da arquetipologia do imaginário à sua formulação experimental através do AT.9*. São Paulo, FEUSP, 1992.

PIJOAN PICAS, N.I. e VALENCIA, C. *Catalunya i l'antropologia de la integració* (una exploració de l'imaginari dels alumnes de centres d'ensenyament secundari i la seva integracion dins de la cultura catalana. Aplicació del test AT.9). Barcelona, Abadia de Montserrat, 1986.

PITTA, D.P.R. *Padronização do teste AT.9*. Recife, Fundação Joaquim Nabuco, 1982, 4 vols..

O AT.9 é a formulação experimental da teoria do imaginário de Gilbert Durand. Ele foi elaborado pelo psicólogo francês Yves Durand. O AT.9 pode trazer conhecimentos valiosos para diversos ramos das Ciências Humanas:

- a) para a antropologia: permite a caracterização de grupos sociais específicos;
- b) para a sociologia: permite caracterizar o ator principal de um grupo social; bem como seu relacionamento com o grupo;
- c) para a psicologia: como teste projetivo, indica como o indivíduo percebe sua angústia existencial, e como reage diante desta.

Yves Durand constrói um instrumento que permite tornar evidente dados profundos relacionados com a interferência externa, numa metodologia não-clássica: o AT.9. Esse teste compõe-se de uma parte desenhada (o desenho), de uma parte escrita (o discurso), de um quadro-síntese e de um pequeno questionário.

Os nove estímulos do AT.9 objetivam provocar a questão do tempo e da morte, com a finalidade de se encontrar um meio de resolver a angústia originária.

Os elementos se dividem em três grupos, e representam problemas que são classificados em três categorias distintas: arquétipos (estímulos) que remetem à angústia e à morte¹⁰; os arquétipos (estímulos) de criação de micro-universo mítico¹¹; os arquétipos reforçadores dos outros elementos¹² (também chamados de arquétipos adjuvantes), além do elemento de dramatização¹³.

Yves Durand selecionou os elementos do teste, segundo seus significados mais profundos, para servirem de motivação ao desenho e ao discurso, representativos da trama criada pelo sujeito.

Queda:

Lembra o traumatismo do nascimento, designa errância à situação existencial da angústia humana e representa, mais facilmente, o fim, a morte, do que a origem, a vida. No Velho Testamento, a significação dada à queda lembra o pecado original. A queda é a perda de um ponto de apoio.

¹⁰ Queda e Monstro devorador

¹¹ Espada, refúgio e algo cíclico

¹² Água, fogo e animal

¹³ Personagem

Cair significa perder o equilíbrio, descer, ir ao fundo. Resgata a angústia humana¹⁴.

Monstro devorador: representa a noite inquietante, o tempo angustiante e simboliza a morte. Nos símbolos teriomorfos Gilbert Durand lembra o polimorfismo do simbolismo animal: coloca como positivas as imagens de animais domésticos, e como negativas as imagens de répteis. A função devoradora do animal se expressa na ação de comer, morder, mastigar, etc..

Espada: Foi escolhida por Yves Durand para cobrir os três níveis de imagens simbólicas que compõem as estruturas heróicas do imaginário: símbolos ascensionais, espetaculares e diátricos¹⁵. Na escolha do tipo de espada repousa a atualização das imagens no sentido da estrutura: uma arma pode representar um combate. O gládio e a espada não têm a função de penetrar, mas sim de cortar, separar. Ainda pode representar poder paterno, pureza e pode colocar em evidência características apolíneas purificadoras (espada do herói mitológico).

Refúgio: pertence ao regime noturno das imagens. Remete às estruturas místicas. Simboliza a proteção e o aconchego, pode representar lugar protetor, guardado, íntimo, recipiente, morada do peixe, feminilidade maternal, tumba etc..

A imagem da figura materna representa o refúgio primordial, o feto no útero materno, e a mãe terra pode referir-se ao túmulo¹⁶. Num micro-universo heróico, o elemento refúgio pode levar a respostas opostas ao de tipo místico. Para o imaginário heróico, o refúgio será sempre um lugar de “refúgio contra” um perigo, enquanto para o imaginário místico, o refúgio é uma imagem de recipiente, simbolizante de bem estar e da vida pacífica. Segundo Yves Durand, o álcool, a droga, a fuga, a morte, o suicídio – que não são frequentemente descritos nos protocolos, mas sim vividos – podem também ser representados pelo refúgio¹⁷.

Cíclico: é um estímulo que, geralmente, remete ao imaginário sintético. Porém, Gilbert Durand diz que pode pertencer tanto ao regime noturno quanto diurno das imagens. O cíclico pode se localizar num micro-universo heróico, sintético ou místico. “*Yves Durand lembra o perfeito ciclo da lua, do tempo da menstruação, que não se prestam à luta, a uma utilização*

¹⁴ DURAND, Y., op. cit., p. 50.

¹⁵ DURAND, Y., op. cit., p. 54-55

¹⁶ DURAND, Y., op. cit., p. 57-58

¹⁷ LOUREIRO, A.M.L. *O AT.9 e o imaginário*. Brasília: UNB, 1996, p. 27.

*funcional, como da espada no teste. A lua é sempre um arquétipo utilizado complementarmente, sem ligação de estruturação*¹⁸.

Animal: é um estímulo que pode remeter a uma estrutura heróica, com a representação de certos pássaros, aves de rapina, águia (a pomba é mística) ou a uma estrutura mística com certos peixes, conforme o contexto, ou ainda estrutura sintética, com uma serpente desenhada (ciclo temporal, mudança de pele).

Fogo: apresenta polivalência de significação simbólica. O fogo purificador faz parte do simbolismo heróico. O calor, indispensável à nutrição, remete a estrutura mística (e ainda o “calor doce”, calor sexual, rituais iniciáticos).

Remetendo à estrutura sintética, encontra-se o fogo epifânico (fogueira de São João), símbolo de Deus, renascimento, mediador entre natureza e cultura; pode contribuir e acentuar seu semantismo angustiante de destruição, de fim, de morte, quando em forma de cataclisma: “incêndios, vulcões, guerras, secas, sol devorador e tenebroso e instabilidade do tempo”¹⁹.

Personagem: é o ator da estória criada, o agente da trama realizada no micro-universo e expresso no desenho. Pode ser um homem simples, um herói, um pastor, um cavaleiro medieval, caçador, pescador, andarilho, e pode ser representado no plural (mais de um). O personagem pode também ser representado por um homem mau. A postura do personagem (em pé, sentado, curvado) e sua localização (próxima ou distante dos demais elementos) serão indicadores para a identificação do micro universo mítico ao qual pertencem. Geralmente, no micro-universo heróico, o personagem está em pé, empunhando a espada.

3. ANÁLISE DOS PROTOCOLOS AT.9

Em cada protocolo AT.9 podem ser realizadas as seguintes análises: estrutural, elemental, funcional, simbólica e actancial.

A análise estrutural consiste na identificação dos micro-universos míticos que “segue de perto a classificação das estruturas antropológicas do

¹⁸ LOUREIRO, A.M.L., op. cit., p. 28.

¹⁹ LOUREIRO, A.M.L., op. cit., p. 30.

imaginário, suas características e seus símbolos, seus esquemas e arquétipos. Assim como há três eixos de estruturação do Imaginário, temos três universos míticos com sub-tipos”²⁰.

Na medida em que o AT.9 é a formulação experimental do imaginário, Yves Durand²¹ estabeleceu sub-tipos e micro-universos míticos. Segundo essas estruturas, teríamos, assim – e para isso nos valem do estudo de Denis Badia²², que resume perfeitamente todos os aspectos da arquetipologia de Durand e da formulação dos micro-universos míticos – os seguintes pontos:

Trataremos aqui da análise estrutural ou da identificação dos universos míticos segundo as estruturas antropológicas do imaginário. Como temos três eixos de estruturação do imaginário, temos três universos míticos com sub-tipos.

1. Micro-universos heróicos: centrados na ação heróica do personagem como combate, pela espada, contra o monstro; os sub-tipos são:

1.1. Heróico Integrado: todos os elementos concorrem para compor o cenário do combate, havendo perfeita integração e reforço redundante da estrutura de base.

1.2. Heróico Impuro: introduz uma heterogeneidade porque um grupo de elementos fica como que justaposto, como “corpo estranho” evocando o universo místico, sem integração

1.3. Super-Heróico: centrado exclusivamente nos três elementos heróicos de base, fundamentalmente hipervalorizando o combate onde o monstro é hiperbólico, e os demais elementos são esquecidos.

1.4. Heróico-Descontraído: o combate é potencializado, ou seja, o herói é o herói e o monstro é o monstro, mas a ação é protelada e o território é dividido, cada qual movendo-se na sua esfera de vida privada.

2. Micro-universos místicos: centrados na ação apaziguadora do personagem, ou seja, cria-se uma organização do espaço (refúgio e/ou natureza) e uma atmosfera de repouso, equilíbrio e harmonia. Aqui a presença dos elementos heróicos, espada e monstro, é perturbadora e a solução eufemizante ou escotomizante definirá os subtipos.

2.1. Místico Integrado: a organização do espaço e da atmosfera é bem sucedida porque o monstro e a espada são eufemizados pela disfuncio-

²⁰ PAULA CARVALHO, J.C. de., op. cit., 1992, II estudo.

²¹ DURAND, Y., op. cit., 1988.

²² BADIA, D.D. “Estruturas do Imaginário e universos míticos”. In: Revista de Educação Pública. Cuiabá: UFMT, v. 3, n.º 4, jul-dez/1994.

nalização e emblematização etc.

2.2. Místico Impuro: o monstro e a espada aparecem disfuncionalizados, mas sua figuração é arbitrária criando um “corpo estranho” heróico no cenário místico.

2.3. Super-Místico: há escotomização do monstro e/ou da espada, que “desaparecem”.

2.4. Místico Lúdico: o monstro e a espada são introduzidos num cenário de jogo, portanto integrados, sugerindo que se a ação heróica ocorrer, esses elementos funcionarão integrados no cenário.

3. Micro-Universos Sintéticos: centrados na polarização dos universos heróico e místico, de modo simultâneo ou sincrônico ou de modo sucessivo ou diacrônico, com predomínio do componente tratado em termos de generalização simbólica. São de dois tipos: micro-universos sintéticos existenciais e micro-universos sintéticos simbólicos, a ambos aplicado o modo sincrônico ou o modo diacrônico

3.1. Micro-Universos Sintéticos Existenciais

3.1.1. Duplos universos existenciais diacrônicos: o personagem vive dois episódios existenciais ou as polaridades heróicas e místicas de modo sucessivo

3.1.2. Duplos universos existenciais sincrônicos: o personagem participa, ao mesmo tempo, dos dois universos, através de uma série de recursos mas, fundamentalmente, o personagem é sujeito de duas ações (tipo redobrado) ou o personagem se desdobra em dois personagens diferentes, cada um deles assumindo um universo mas unidos num projeto existencial comum “par” (tipo desdobrado)

3.2. Micro-Universos Sintéticos Simbólicos de Forma Diacrônica

3.2.1. Micro-Universo da evolução cíclica: o conteúdo existencial passa a ser formulado de modo filosófico e/ou ideológico como trajetória da existência humana pelas fases de um ciclo, figurando o eterno retorno ou a progressão cíclica parcial

3.2.2. Micro-universo da evolução progressiva: o ciclo não é fechado porque há progressão ou progresso, e não há repetição, e porque há um alvo.

3.3. Micro-Universos Sintéticos Simbólicos de Forma Sincrônica

3.3.1 Micro-Universo do dualismo: trata-se de uma organização dualista do espaço gráfico e do conteúdo temático como pares de aspec-

tos opostos e contraditórios. Trata-se do “dualismo diametral”, onde não há mediação, como no “dualismo concêntrico”; o universo mítico se torna maniqueísta

3.3.2. Micro-universo da mediação: o personagem está no ponto de articulação de uma bipolarização mítica que são duas perspectivas existenciais apresentadas à mediação e à escolha.

Até agora lidamos com as “formas positivas” dos universos míticos; mas há as “formas negativas” que introduzem as “estruturas da angústia” ou, “in extremis”, o “universo da não-estruturação”.

4. Formas negativas dos universos míticos: são indiciais de universos heróicos de forma negativa, o fracasso total do herói, sua fuga, a eliminação providencial do monstro e a incerteza no desfecho do combate; indiciais de universos místicos de forma negativa, os motivos potenciais e atuais de insegurança, quer de ordem da natureza, quer de seres monstruosos antropomorfos ou vagos que possuem a espada ou que introduzam a atmosfera do insólito; nos duplos universos existenciais de forma negativa, os indícios são os mesmo dos universos heróico e/ou místico e, no caso dos micro-universos sintéticos de forma negativa, os indícios consistem em concepções fatalistas e pessimistas da evolução humana ou de um dualismo sem saída, mortífero.

5. O universo da não-estruturação: não há ligação entre os elementos e a estruturação defeituosa. Apresenta duas categorias principais:

5.1. Não-estruturadas verdadeiras: o desenho é “explodido” e o relato é “analítico”, ou seja, sem nenhuma ligação, podendo ser “não-estruturado” simples e “desestruturados completos”.

5.2. Pseudo-desestruturados: o desenho é “explodido” mas há uma “coerência mítica” no relato, de modo que subjaz uma ordem simbólica no desenho.

Afinal, no questionário AT.9, a resposta à questão IC é fundamental para a classificação do protocolo, enquanto que a questão ID é fundamental para se detectar a forma positiva ou negativa, ao passo que a questão IB permite localizar os estereótipos, os complexos culturais, a criatividade maior ou menor, o conteúdo existencial ou simbólico e, enfim, a questão IE encaminha à análise actancial, ao passo que o quadro da questão II encaminha as análises elemental e funcional²³.

²³ BADIA, D.D., op. cit., p. 34-37.

Além da análise estrutural, Yves Durand propõe as seguintes análises:

A análise elemental morfológica visa levantar as principais imagens ou representações que os indivíduos e o grupo atribuem a cada um dos estímulos ou representações. Essa atribuição de uma imagem ou representação na análise elemental é indício de uma escolha feita tanto pelo grupo quanto pelo indivíduo, como de uma escolha combinada, mas é fundamentalmente, por um lado, um indício de uma comunicação e de uma ideologia que poderíamos verificar posteriormente e, por outro lado, ela se compõe com a análise estrutural, porque permite aprofundar suas pistas de interpretação (para a realização da análise elemental serão utilizados os parâmetros de tabulação – elaborados pela Prof^a Dr^a Danielle Perin Rocha Pitta, com as atualizações efetuadas pelo Prof. Dr. José Carlos de Paula Carvalho e pela Prof^a Dr^a Altair M.L. Loureiro);

A análise elemental funcional mostra fundamentalmente o contexto em que a imagem e a representação é utilizada, e consiste na tabulação e codificação dos dados apresentados na coluna B, e na fração vida/morte da coluna C;

A análise elemental simbólica vai mostrar qual é o sentido, de vida ou morte, que é atribuído àquela imagem ou àquela representação naquele contexto, e que irá definir assim, prioritariamente, uma paisagem de vida ou de morte. Consiste na tabulação e codificação dos dados apresentados na coluna C, na fração vida/morte e na tabulação dos simbolismos específicos dos micro-universos e, se negativos, do universo da angústia.

Além dessas análises, Yves Durand propõe a análise actancial, que segue de perto o modelo proposto por Greimas na semântica estrutural, combinado com algumas investigações de Propp e de Souriau. Sabendo-se então que o actante despersonaliza aquele que faz o AT.9 (porque ele é portador de uma função dramática e, portanto, de um arquétipo), e é maior o nível de profundidade que se obtém no AT.9 com essa análise.

Yves Durand identifica os seguintes actantes:

1. **actante principal:** tem por função atualizar as estruturas (heróicas, místicas ou sintéticas)
2. **actante individualizado:** remete a uma força actancial que engendra uma dramatização heróica
3. **actante matricial:** remete a uma representação do meio, a um contexto simbólico articulado em torno da proteção e da segurança, característico dos universos místicos

4. **actante atrativo:** é ordenador da forma progressista-linear, cujo processo fundamental centra-se sobre o elemento que representa o objeto da busca do herói
5. **actante evolutivo:** é definido por uma força de coesão diacrônica, por isso, sua força actancial engendra o aspecto evolutivo e transformacional próprio do duplo universo existencial e do universo sintético diacrônico cíclico
6. **actante diferencial:** é ordenador da bipolarização cuja função é estruturar um par no seio de uma unidade nos duplos universo existencial e sintético sincrônico de forma dualista
7. **actante interativo:** é ordenador da sincronicidade do imaginário nos universos sintéticos
8. **actante potencial:** encontra-se presente nas produções não-estruturadas porque não contribui para o funcionamento dramático do universo mítico

Paula Carvalho propõe três níveis de manifestação dos actantes: indiferenciado, desdiferenciado e diferenciado, conforme os actantes apresentem-se ou sejam apenas enunciados, ou com diferenciação limítrofe (a meias), ou plenamente manifestos²⁴.

Assim sendo:

a função actancial manifesta-se nas relações transitivas que estabelece no interior do enunciado. Assim, podemos ter um elemento no texto (normalmente uma palavra-chave) indicando que ele estaria apto a desempenhar o papel actancial, mas que nada fez para isso (seu nível de manifestação seria indiferenciado ou virtual); esse mesmo elemento poderia ter tentado realizar a função, mas não o ter feito plenamente (seu nível de manifestação seria desdiferenciado ou atualizado); e, finalmente, esse elemento realiza plenamente a função actancial (seu nível de manifestação é diferenciado ou realizado)²⁵.

Essa distinção entre actante diferenciado, desdiferenciado e indife-

²⁴ BATISTA, A. "Níveis de manifestação do dinamismo actancial". In: *Análise actancial: reflexões e apontamentos*. Botucatu: UNESP, 2000, p. 2 (mimeo).

²⁵ BATISTA, A., op. cit., p. 2.

renciado é importantíssima para podermos ver se há uma coerência entre o universo mítico e o actante a ele ligado.

4. BALANÇO CRÍTICO

Para vislumbrarmos de modo mais adequado a problemática levantada ao longo do texto e, por opção didática, faremos um breve comentário de alguns aspectos levantados em 19 protocolos que foram aplicados em nossa Dissertação de Mestrado²⁶, analisando a paisagem de vida/morte bem como o universo da angústia.

Numa reflexão inicial podemos apresentar algumas reflexões sobre o estudo realizado no Externato José Bonifácio, cujo objetivo era realizar uma culturálise de grupos, assim sendo, repensar a organização escolar tendo em vista sua dimensão cultural, na qual se realizam práticas simbólicas organizadoras do real social.

Após o trajeto percorrido – delimitação do universo de pesquisa, observação, coleta, análise e interpretação dos dados – concluímos que o Externato José Bonifácio é uma etno-escola heterocultural, pois o tipo de cultura predominante na comunidade é configurativa, segundo a distinção de Margareth Mead. Isto é, quando os alunos foram indagados se na comunidade armênia – não só na Igreja, mas na escola, nas famílias, etc. – havia “conflito de gerações” entre jovens e adultos, o que predominou no Externato foi uma cultura configurativa que, segundo Mead, é aquela na qual “*o adulto e o jovem aprendem conjuntamente de acordo com as mudanças cada vez mais rápidas da vida moderna*”. Esta análise foi realizada com base nas respostas de uma questão-problema que foi proposta aos alunos, na forma de questionário complementar.

No Externato José Bonifácio existem, de fato, duas matrizes culturais, a tradição e a modernidade. A tradição aparece claramente nas axiológicas, e é facilmente observada nas festas e cerimônias da escola, no prazer que os alunos sentem na semana de comemorações, ao ensaiar com esmero os passos das danças típicas e dos cantos; por outro lado, há um “impacto” da tecnologia científica e das preocupações, da atmosfera da pós-modernidade. Um exemplo claro é o grande número de evangélicos presentes na comunidade escolar (confor-

²⁶ ESTRADA, A.A. *Culturálise de uma etno-escola* (Escola Armênia ou Externato José Bonifácio-SP 1996/1998): um estudo de Antropologia das Organizações Educativas. Dissertação de Mestrado (Educação). São Paulo: Faculdade de Educação da USP, 2000, Cap. V e VI.

me as respostas obtidas através da aplicação do Questionário Complementar I). Segundo a tradição dos padres mekhitaristas, os dois valores fundamentais a serem transmitidos são a religião e a cultura. E esse elevado número de evangélicos, dos movimentos pentecostais, é um dos traços da modernidade e pós-modernidade religiosa²⁷.

Lembremos que em nossa pesquisa seguimos o modelo que Paula Carvalho utilizou no Colégio Iavne Beith-Chinuch/SP. No Colégio Iavne, uma escola representativa da comunidade judaica, o pesquisador concluiu que se trata de uma etno-escola tradicional, isto é, onde o tipo de cultura que prevalece é a pré-figurativa (segundo a distinção de Mead). Ou seja, nos grupos de alunos estudados o “impacto” da pós-modernidade é relativizado não somente pelo currículo escolar, mas também pelo estreito contato que os alunos têm com Israel (seja sob a forma de cultura, viagens, excursões etc.). Isto não acontece no Externato José Bonifácio onde, além de pouquíssimos alunos conhecerem a Armênia, apenas uma pequena parcela tem intenção de conhecê-la.

Uma das causas desse distanciamento dos alunos com relação à Armênia pode ser creditado à situação política que o país atravessou já que, devido à política da URSS, na época da Guerra Fria, havia uma difícil circulação de pessoas.

A duplicidade – entendida nos termos de Maffesoli – está presente no Externato, como por exemplo, no tocante ao currículo escolar. Apesar de disciplinas específicas – como armênio, literatura armênia e ensino religioso – não constarem da grade curricular oficial do Externato José Bonifácio, ela existe de fato, pois os alunos aprendem língua e literatura armênia, bem como ensino religioso. Inclusive o armênio é o idioma mais falado na escola. Antes de tudo é uma precaução de ordem política, visto que a situação da Armênia agravava-se com a dissolução da URSS.

No entanto, novas frentes são abertas, sobretudo com o turismo, o que, paulatinamente, poderá fazer com que haja um contato mais estreito desses alunos e, conseqüentemente, da comunidade, com a Armênia.

Como já dissemos, podemos concluir que o Externato José Bonifácio é uma etno-escola heterocultural, onde as duas matrizes culturais – a tradição e a modernidade – convivem de modo simultâneo, além de situar a comunidade na pós-modernidade. Ou seja, para uma parte dos alunos, a influência da religião é relativizada, onde o mais importante são as festividades étnicas e a convivialidade; já para outros, a religião forma e transmite, sendo, portanto, os ritos de extrema importância.

²⁷ BAUMAN, Z. *O mal estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1998.

REFERÊNCIAS

- BADIA, D.D. Estruturas do Imaginário e universos míticos. In: **Revista de Educação Pública**. Cuiabá: UFMT, v. 3, n° 4, jul-dez/1994.
- BATISTA, A. Níveis de manifestação do dinamismo actancial. In: **Análise actancial: reflexões e apontamentos**. Botucatu: UNESP, 2000 (mimeo).
- BAUMAN, Z. **O mal estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1998.
- DURAND, G. **As estruturas antropológicas do imaginário**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- DURAND, Y. **L'exploration de l'imaginaire**. Paris, L'espace bleu, 1988.
- ESTRADA, A.A. **Culturanálise de uma etno-escola** (Escola Armênia ou Externato José Bonifácio-SP 1996/1998): um estudo de Antropologia das Organizações Educativas. Dissertação de Mestrado (Educação). São Paulo: Faculdade de Educação da USP, 2000.
- LOUREIRO, A.M.L. **O AT.9 e o imaginário**. Brasília: UNB, 1996.
- PAULA CARVALHO, J.C. de. **Da arquetipologia do imaginário à sua formulação experimental através do AT-9**: Sete estudos. São Paulo: FEUSP, 1992.
- PIJOAN PICAS, N.I. e VALENCIA, C. **Catalunya i l'antropologia de la integració** (una exploració de l'imaginari dels alumnes de centres d'ensenyament secundari i la seva integracion dins de la cultura catalana. Aplicació del test AT.9). Barcelona, Abadia de Montserrat, 1986.
- PITTA, D.P.R. **Padronização do teste AT.9**. Recife, Fundação Joaquim Nabuco, 1982, 4 vols..
- PORTO, M.R.S. Imaginário e cultura: escorrências na educação. PORTO, TEIXEIRA, SANTOS & BANDEIRA (orgs). **Tessituras do imaginário: cultura e educação**. São Paulo: Plêiade, 2001.
- EDUCERE - Revista da Educação, vol. 2, n. 1: jan./jun. 2002*